

**Apontamentos da Escola de comunidade com Julián Carrón
Milão, 24 Fevereiro 2010**

Textos de referência:

*L. Giussani, É possível viver assim?, Vol. 3. Tenacitas, pp. 15 a 28;
J. Carrón, Caridade, o dom de Si comovido, Passos, Fevereiro, pp. I-VIII*

- Canto “Favola” (“Fábula”)
- Canto “Negra Sombra” (“Sombra Negra”)

Perante algumas cartas e algumas perguntas que me enviaram, lembrei-me daquele excerto da Escola de Comunidade sobre a amizade (“O verdadeiro seguimento é a amizade”), onde o *don* Gius nos dizia: «E eu, que sou quem tens à tua frente, digo-te isto, mas percebo que o digo mal, e por isso digo-te também: “Mas vem outra vez amanhã, sim?”. Porque amanhã tentarei dizer-te melhor, e depois de amanhã tentarei dizer-te ainda melhor, e depois, enfim, devemos dizê-lo todos os dias, porque assim dizemo-lo melhor, e depois de muitos anos e de muitos dias torna-se uma coisa fluente, como olhar-se nos olhos: olhamo-nos nos olhos e percebemos». Lembrei-me disto, porque a primeira pergunta com que hoje queria começar retoma uma outra, feita da última vez, bem como a resposta que eu tinha dado. «Escrevo-te a respeito da primeira pergunta feita na última Escola de comunidade. Talvez eu tenha percebido mal o significado de “concreto”, mas julgo que a rapariga, com esta palavra, entendesse “real”, ou seja, que existem alguns amores que lhe dão a impressão de serem mais reais que o amor de Jesus. Julgo que nesta pergunta há já uma divisão inicial, uma vez que o amor de Jesus passa realmente através de pessoas concretas; no entanto, a tua resposta não me convenceu até ao fim, quando disseste: «Mas como é que o confundimos com outros amores? Só por uma razão podemos confundi-lo com outros amores, quando se esqueceu de que falta é esta falta; se nós reduzimos aquilo que nos falta, se não tomamos consciência disso até ao fim, então parece-nos que qualquer coisa nos pode corresponder. Eu penso, pelo contrário, que potencialmente qualquer coisa nos corresponde, porque a realidade é Cristo; por consequência, não é um problema que sejamos atraídos pelas pessoas, pelas coisas, por outros amores; parece-me antes que o desafio interessante consista em reconhecer nestes a presença do Mistério; olhar estes amores como sinal da Sua presença, que se digna passar onde e quando quer. Que comoção pensar que se digna passar também através de mim! De outro modo tudo corre o risco de permanecer dividido, e o amor de Jesus corre o risco de ser vivido como uma falta frustrante: “Ah, não posso ter aquela coisa ali, mas pelo menos existe Jesus!”. O trabalho que levo a cabo há uns tempos é mendigar a Sua presença e a graça da simplicidade de poder reconhecê-Lo, mas através da força do real, através até das coisas, das pessoas das quais em geral não espero nada; senão como poderei alguma vez reconhecer que Ele, o Seu amor é ainda mais que tudo isto? Mas talvez me engane, esta foi a minha impressão, mas talvez não tenha percebido bem aquilo de que falaste, o que achas?».

Eu respondo com outras cartas que me chegaram às mãos. *Don* Giussani, no início da explicação sobre a caridade, em *É possível (verdadeiramente?!) viver assim?*, diz que a primeira caridade é ir até ao fundo desta falta, desta insatisfação que nos constitui, porque esta é a primeira caridade conosco próprios, poder compreender o mistério do nosso ser, poder reconhecer aquilo que não me basta – repete-o vinte vezes naquele texto -; e isto percebe-se quando depois podem suceder – dizia-se na primeira intervenção da última vez – outros amores; não percebendo verdadeiramente aquilo que encontrou, uma pessoa é como que arrastada por um outro amor. Escreve-me uma pessoa: «Devo dizer, antes de mais, que encontrei o movimento em Setembro de 1985. Em 1993 terminei o curso, depois conheci a minha mulher e vivi estes 15 anos arrastado pela profissão, totalmente dedicado à família, sem participar em mais nada do movimento, nem missa nem nenhum gesto de nenhum tipo.». Como é que isto é possível? É possível. Surge um outro amor, e uma pessoa é arrastada por

ele; ele diz que viveu esses 15 anos pensando somente nela, de tal modo era belo viver aquela relação... A certa altura a sua mulher morre, num espaço de pouco tempo: «Ela teve de morrer para que eu escancarasse o coração e a mente às verdades tão simples mas verdadeiras que eu tinha encontrado, para que eu compreendesse uma série de evidências que não me deixarão mais viver como eu vivi até agora; é incrível o método do Mistério que, subtraindo-me a carne da relação sacramental, aumentou a minha consciência. No dia em que ela morreu dei-me tragicamente conta de que o facto de nos dizermos reciprocamente que o nosso estar juntos não devia ser um mero olhar um para o outro (como se fôssemos nós a razão do nosso agir), mas sim o acompanhar-nos em direcção a um destino pessoal, tinha sido um discurso; naquele dia dei-me conta de que a minha mulher era a razão pela qual eu vivia. Depois, a certa altura, surgiu perante a morte a exigência de uma razão que permitisse avançar, tanto que era inexorável que ela não podia ser a razão da minha vida.» Até que ele se dá conta, e rende-se a este facto, e no dia do funeral, diante do caixão da sua mulher, diante das palavras da homilia do padre, aceita isto, «e naquele instante caiu sobre mim uma serenidade de coração, até ao ponto de me fazer sentir feliz». Pode acontecer, não devemos assustar-nos com isto, mesmo que uma pessoa O tenha encontrado, pode acontecer que outros amores levem vantagem, mas porque é que eles levam vantagem? Porque pensamos que eles nos podem preencher, e isto pode acontecer, como vêem, na vida de pessoas casadas, ou pode acontecer em quem tem a vocação (como me escrevia uma pessoa do Grupo Adulto, transtornada porque um amigo se tinha ido embora; e depois um dia encontra uma amiga, também ela do Grupo Adulto, que se tinha casado e tinha a sua família, que lhe pede para a acompanhar à Escola de Comunidade, porque o marido e o filho não lhe bastam: «Uma noite depois da Escola de Comunidade, desatou a chorar pela nostalgia que sentia pela vocação que Jesus lhe tinha dado»). Isso pode acontecer por um outro amor, sem dúvida. Portanto, é verdade – como diz a nossa amiga da primeira carta – que potencialmente cada coisa nos corresponde, porque a realidade é Cristo; a questão é que nós, precisamente por esta exigência que temos dentro de nós, por esta falta, por este início de provocação que a realidade suscita em nós, através desta força do real somos lançados em direcção a uma outra coisa, e só se temos esta consciência é que não ficamos pelo sinal. Lembro-me do que dissemos na Jornada de Início de Ano – é preciso que releiam isso –, quando Giussani, falando da companhia cristã, dizia: «"Mas como é que estes são assim?" [...] Portanto, tu comesças este caminho encontrando um amigo, uma amiga, ou então vendo um grupinho, que tem qualquer coisa de interessante, e vais atrás disso. E ouves que estes dizem que aquilo que há de interessante é porque "O Senhor existe"; e então vais atrás deles com curiosidade, mas sem seres definida por aquela coisa ali, sem seres determinada por aquela coisa. A certa altura, porém, esta chamada de atenção intensifica-se, [...] ficas mais tocada por aquela ideia, por aquela palavra; e ficas impressionada pelo facto de que aquelas pessoas te dizem: "Olha que nós estamos juntos por causa daquele ali [o Senhor]". Isto é um salto qualitativo em relação à impressão inicial; então tu comesças a levá-lo a sério: [...] quanto mais segues com continuidade esta evolução, tanto mais Jesus se torna mais importante do que os rostos que vês juntos [este é o núcleo da questão: que Jesus – Jesus! – se torna mais importante do que os rostos colocados juntos]. Aliás, torna-se de tal modo importante que percebes que sem ele [Jesus] esses rostos desapareceriam e tu "fartar-te-ias".».

Sem esta falta eu fico pelos rostos; mas se é Ele que falta, as caras desaparecem, como sucede tantas vezes em certas relações, na vida de casados de um casal: aquele que mais te comoveu, a certa altura, não te diz mais nada. Como é possível? Porque sem "aquele" não somos capazes de nos mantermos de pé, de manter-nos frescos, jovens, como no início; sem Jesus, sem que Ele se comunique às raízes desta relação, «os rostos desapareceriam e tu "fartar-te-ias"», não te basta, fartas-te, vais-te embora. É claro?

Estava a entrar na aula um dia depois do terramoto do Haiti, e no corredor surpreendi-me com esta pergunta (digo que me surpreendi porque não estava minimamente a pensar no que tinha sucedido na noite anterior). “O que é que este facto tão grande tem que ver com o instante em direcção ao qual me dirijo?” E como me surpreendeu e também me apanhou bastante desprevenida, decidi que a aula devia partir de aí, e então perguntei aos meus alunos: “Mas vocês dão-se conta do que aconteceu?”, e surgiram algumas afirmações muito diferentes umas das outras: “Não, estão distantes”, ou então: “Trata-se de uma tragédia porque já estavam desgraçados e agora ainda mais desgraçados estão”. Depois um rapaz diz: “o que eu queria saber era como é que foi para a professora”, e eu, continuando desprevenida, contei aquilo que (olhando para as imagens e olhando para o rosto do meu marido que me tinha dito o que tinha sucedido) me tinha acontecido: “A mim impressionou-me em primeiro lugar o limite das coisas; em segundo lugar, dou-me conta de que estas coisas me apelam a uma relação cada vez maior”. Na semana seguinte voltaram a fazer-me a pergunta e um rapazinho, em relação à segunda coisa que tinha dito, diz-me: “A mim impressiona-me que a professora fala do terramoto do Haiti nestes termos, mas na realidade isso é aquilo que vejo quando a professora está a trabalhar”. Fiquei muito impressionada pela lealdade de um rapaz de onze anos (porque ele foi leal com a experiência que estava a fazer naquele momento, com a experiência total que estava a viver naquele momento e essa era a razão que lhe fazia dizer assim com tanta segurança esta coisa), além disso, impressionou-me porque eu estava num período em que sentia uma amargura, estava a fazer um trabalho com eles e não era capaz, o resultado era sempre negativo e tinha chegado ao ponto de dizer: “Pronto, vou deixar isto, não há problema, quer dizer que eu não me devia ter metido nisto”, muito cinicamente. E em vez desta sua afirmação fez-me dizer: “Estás a ver que a tua incapacidade, a tua incoerência, não é suficiente para eliminar o facto de que Ele te tomou numa relação visível”. Aquele facto deslocou o problema desde mim e, portanto, da minha incapacidade, até ao facto de que um Outro me tinha tomado.

O que é que isto tem que ver com a caridade?

Porque a coisa que me solicita é a iniciativa d'Ele em relação a mim, de tal modo que esta coisa não me deixou pôr de parte cinicamente e sem drama a relação com Ele, e até de algum modo a fortaleceu, a aprofundou. “Olha que na realidade fui Eu que te agarrei, não és tu que Me deves amar primeiro”. Fui eu que fui agarrada.

Olhem que isto é fundamental para aquela transição entre a primeira e a segunda parte da caridade, porque aquilo que surpreende no rapaz é que descobre nela aquela novidade que ela leva consigo, que é maior do que todas as nossas incoerências. E isto é que é importante perceber: de onde nasce este novo ser que se torna presente na forma como eu actuo? Não porque eu faço o propósito. Deste ponto de vista, o Papa disse coisas lindíssimas num diálogo que teve com os seminaristas de Roma no dia 12 de Fevereiro: «“Permanecei [no meu amor]” e “observai os meus mandamentos”, “observai” situa-se apenas a um segundo nível, o primeiro é o de “permanecer”, o nível ontológico», que é aquela convivência de que falávamos ao princípio da última vez que nos encontrámos: como que por osmose, estando imersos num lugar como o nosso, na medida em que nos identificamos cada vez mais com este caminho, a pouco e pouco torna-se nosso este “permanecer” (que não é um permanecer mecânico de quem se limita a aquecer o assento, porque assim não comunicamos nada: somos homens, e não mecanismos!), identificando-nos com aquilo que *don* Gius nos testemunha, somos gerados (porque esta é a geração que, cinco anos após a sua morte, ele no-la continua a dar). Prossegue o Papa: «“Observai” situa-se apenas a um segundo nível, o primeiro é o do “permanecer”, o nível ontológico, ou seja, o facto de que estamos unidos a Ele, que Ele se deu a nós de antemão, que Ele já nos deu o seu amor, o fruto. Não nos cabe a nós produzir o grande fruto, o cristianismo não é um moralismo, não nos cabe a nós fazer aquilo que Deus quer do mundo, mas devemos sobretudo entrar neste mistério ontológico: Deus dá-se a Si mesmo. O seu ser, o seu amar, precede o nosso agir [...]. A ética é consequência do ser:

primeiro o Senhor dá-nos um novo ser, este é o grande dom; o ser precede o agir e deste ser procede depois o agir, como uma realidade orgânica, para que aquilo que somos, possamos sê-lo também na nossa actividade. E assim estamos gratos ao Senhor por nos ter livrado do puro moralismo; não podemos obedecer a uma lei que está diante de nós, mas devemos agir segundo a nossa nova identidade. Portanto, já não é uma obediência, uma coisa exterior, mas uma realização do dom do novo ser. Digo-o mais uma vez: agradeçamos ao Senhor por Ele nos preceder, por nos dar aquilo que nos cabe a nós dar, para que nós possamos ser depois, na verdade e na força do nosso novo ser, actores da sua realidade. Permanecer e observar: o observar é o sinal do permanecer e o permanecer é o dom que Ele nos dá, mas que deve ser renovado todos os dias da nossa vida [...], mas também aqui a verdadeira novidade não é aquilo nós fazemos, a verdadeira novidade é aquilo que Ele fez [e aquilo que continua a fazer] [...]: a novidade é o dom, o grande dom, e do dom, da novidade do dom, procede também, como disse antes, o novo agir». Que beleza! Esta é a questão: se nós seguirmos, ou seja, se permanecermos com todo o nosso ser, a uma dada altura comunica-se este novo ser, que emerge, não porque naquele dia eu faço o propósito, mas porque Ele torna possível aos outros reconhecê-lo em nós.

Eu da outra vez fui para casa tendo deslocado o ponto de partida sobre aquilo que diz a Escola de Comunidade: a descoberta daquela Presença que o coração reconhece. Estas duas semanas para mim foram dominadas por esta coisa e pela frase de Jeremias que don Giussani relembra: "Amei-te com um amor eterno, por isso, atraí-te a mim, tendo piedade do teu nada", e impressionou-me a maneira como don Giussani nesse ponto conta-nos como se fosse sua toda a comoção de Deus em relação ao homem, e eu esta comoção percebo-a, aconteceram-me momentos precisos na minha vida (data, hora, lugar, factos), pelo qual foi evidente para mim entrar na realidade com esta comoção, porque o coração tem um sobressalto porque estás contente, estás livre, porque estás diferente. Tudo isto eu não ponho em causa minimamente, mas é como se depois dissesse: "toda esta comoção que vejo acontece-me de maneira intermitente", então peço uma ajuda sobre isto, porque não posso pôr em causa aquilo que me aconteceu, é um facto, é uma evidência, ninguém mo pode contestar, e contudo...

Bonito! A primeira questão é que, às vezes, como vemos, diante desta intermitência é como se prevalecesse aquilo que falta (que é ainda intermitente), e não o facto que já está, o facto que tu sabes, em certos momentos com uma evidência que não te podes arrancar (nem sequer a intermitência pode), que está. A questão é que em nós, por aquilo que ainda falta, quase prevalece, como sentimento de nós mesmos, aquilo que falta, em vez daquilo que está e assim, um instante depois, ainda que estejamos a percorrer a estrada, estamos bloqueados. Por isso dava muitas vezes este exemplo: imaginem que uma pessoa tenha tido um acidente, está completamente paralisado, não reage; se um dia começa a mexer uma perna, ficamos todos eléctricos; e se alguém diz: «mas só mexe uma perna...», respondemos: «estás louco? Não estás a perceber patavina, antes não reagia a nada, agora mexe uma perna!» O que é que prevalece? O que ainda falta ou aquilo que começa a mexer? Este equívoco é frequentíssimo entre nós, porque é como se prevalecesse aquilo que falta, mas quem é que é mais realista? Quem começa a reconhecer isto com a esperança que possa depois alargar-se a tudo o resto, ou quem por obtusidade minimiza? Como dizíamos o ano passado em relação ao germinar: alguém vê um tronco todo seco e diz: «é só um rebento!» Mas se existe, dali pode ressuscitar tudo! Segunda questão, tu falas de momentos que são evidentes, e isto é fundamental, porque é como um ponto de não retorno: momentos que assinalam a vida, que assumem uma forma tal, que nos plasmam de um modo tão potente que são um ponto de não retorno. Mas percebo o teu desejo que isto se torne sempre mais habitual, normal, mas aquilo sobre o qual quero insistir é que esta intermitência não quer dizer deixar perder toda a positividade, que veio ao de cima no facto de ter reconhecido naqueles momentos uma evidência desta Presença, que me enche de comoção. «Amei-te de um amor eterno»; é como se cada vez que saio desta intermitência, quando o Senhor, por graça me agarra pelos cabelos, me tira da distracção, mo

faz reconhecer outra vez; é uma festa: «Ainda bem que ainda está e me retoma». E isto é aquilo que devagarinho – porque acontece devagarinho – deve tornar-se habitual. Don Giussani disse isto muito bem num texto que usei para o retiro do Grupo Adulto este fim-de-semana; fizeram esta pergunta a *don* Giussani: o que quer dizer ter consciência de uma Presença em todos os instantes da vida (isto é, sem intermitência)? E *don* Giussani responde que é impossível que aconteça em cada acção, mas que nem sequer é necessário. O que é importante não é o número de vezes, mas o valor tendencial. Há uma *amorosidade* que aos bocadinhos acontece em nós e esta repetição, até intermitente, tende a tornar-se habitual: «é como se a memória, lentamente, se tornasse como um perfume, uma frescura que se comunica à base do teu ser [torna-se teu, como dizíamos antes, torna-se teu], que se comunica a cada iniciativa que tu tomas para agir [...] e torna estável e facilita que se multiplique a recordação». Este nível vive-se existencialmente, é exactamente aquele “permanecer” de que fala o Papa. Esta é a graça do carisma – *don* Giussani torna possível como experiência, aquela verdade que o Papa nos disse de uma maneira tão bonita, introduzindo-nos a um método que nos faz dar passos segundo uma estrada tão humana que (sem nos tornarmos histéricos com uma medida, com um número) se torna cada vez mais habitual. Diz: “De repente, a velhice torna-se mais juvenil do que a juventude. Porque a uma certa altura encontras-te a ter tornado fácil a não distração, óbvia a memória, familiar o sentido de apoio em Cristo presente [...]. É exactamente a trajectória de alguém que se apaixona – mas verdadeiramente, e isto é difícil! – tendo ali a mulher, vive com aquela mulher: primeiro a memória é aos bocadinhos (a memória é um notes com tantos apontamentos e o melhor são os apontamentos vazios); com o tempo quanto uma pessoa se habitua a escrever sobre os apontamentos da memória, tanto mais aquela memória se torna permanente. E ao princípio torna-se permanente como necessidade – se ela se vai embora... Meu Deus que aperto de coração! Depois, quer ela se vá embora, quer fique, será mais doloroso ou mais alegre, mas é a mesma coisa [porque se tornou dimensão do eu, não se pode dizer eu sem que esteja ela no ser, no fundo do ser como consciência]. No ser existente somos uma só coisa, uma. Como se alguém, vindo, à socapa, de repente te dissesse: “em que é que estás a pensar?”, “Ah estou a pensar no trabalho”; de outra vez vendo-te ali um bocado absorto diz-te: “Em que é que estás a pensar?”, estás a pensar nela. Substituir este “ela” por “Ele”, antes de mais investe todas as “elas” – todas – investe-as segundo a hierarquia que o teu coração exige, segundo uma predestinação de vizinhança, de proximidade que Deus estabeleceu, com uma riqueza de variedade, portanto, com uma verdade de respeito pela proporção das coisas [...] E quanto mais tu multiplicas o hábito destes gestos, tanto mais esses se tornam permanentes, como um substrato permanente, como a frescura permanente de todas as tuas acções. Até que se torna mesmo o conteúdo exacto, objectivo, do teu pensamento e do teu coração e não quererias nunca mais ir-te embora dali. [É assim que se torna nosso, que se comunica à raiz do nosso ser] [...] Então é um outro mundo desconhecido de todos.» A realidade é maior do que a nossa filosofia e assim, devagarinho, aquela intermitência é preenchida e torna-se mais estável, não pelo número, mas pelo “valor tendencial”, por esta amorosidade que se exprime assim.

Eu parto da provocação da vez passada quando dizias que a caridade faz pensar automaticamente em fazermos caridade aos outros. À primeira vista disse: «Que acertado, é isso mesmo, eu sou assim»; na realidade com esta provocação dentro, olhando aquilo que acontece não é assim; dou um exemplo: acontece-me que por uma situação familiar tenho de assistir uma pessoa e quando faço aquele gesto eu fico cheia de uma ternura tão profunda, que percebo no fundo de mim que eu é que sou objecto de um gesto de caridade e isto é mesmo aquele “antes” que acontece.

Obrigado.

Vou-te contar uma história má, antipática e pouco original, e assim faço uma certa autocrítica. Andei dez, doze meses a correr porque fiz três documentários simultaneamente, porque chegaram três propostas e houve bons resultados (pagaram-me tudo, os clientes ficaram super-satisfeitos, os estranhos estão muito impressionados). A parte má é esta: eu conquistei o mundo, mas perdi-me a mim mesmo; porquê? Porque considerei cada momento de memória como uma perda de tempo. Em cada um dos dias destes dez, doze meses havia sempre alguma coisa mais importante e eu dizia: «Bolas, os cinco minutos de que o Carrón fala!», mas havia sempre alguma coisa mais importante que fazer.

Vês como vencem outros amores? Há sempre qualquer coisa mais importante, é um juízo.

Eu até estava a ver a minha humilhação, no sentido de que sentia o coração amuado, as coisas que dantes me faziam chorar deixaram de me fazer chorar.

A questão é essa, amigos, podemos ter tido uma experiência assim e, a um dado momento, diz *don Gius*, determinadas coisas que nos comoveram verdadeiramente até à espinha, se nos deixamos andar, já não nos dizem nada.

Gostava de estar aqui a dizer-te que ganhei um Óscar... Depois sucedeu-me (de vez em quando, devido às preocupações, não durmo uma noite e trabalho) imaginar que encontrava a Maria Madalena: «Desculpa lá, Ele ressuscitou, e disse-te: “Não Me toques”, quando O ias abraçar. Por que é que obedeceste? Ele estava mesmo à tua frente!». E depois percebi que me teria agarrado a Ele precisamente porque não O tenho diante de mim, ao passo que ela não tinha necessidade.

Porque existe um modo de possuir mais intenso que o abraço; não que o abraço não exista, não que não seja verdadeiramente uma relação, mas existe uma intensidade, esse mundo desconhecido é uma intensidade maior do que nós temos na ideia: chama-se “virgindade”.

Eu tenho muito medo, porque sinto que se as coisas correm bem estou arrumado.

Não! Tu estarás arrumado não por as coisas correrem bem, mas se te esqueceres de quem és. Vejam agora o início da Escola de Comunidade: se esqueces de que falta é aquela falta, se tu esqueces quem és tu vais atrás, em termos de juízo, duma coisa que por natureza não te pode preencher, e por isso tu sentes que te perdes. Nestes momentos percebe-se que raça de caridade é necessário ter para sermos assim tão verdadeiros com nós próprios, para reconhecer esta falta: é o que te torna cada vez mais consciente de que é essa memória que te faz respirar, porque de contrário te perdes. Uma vez perguntaram-me: «Como é que eu posso fazer memória no meio desta situação?» (era análoga à que tu testemunhaste agora). Eu respondi: «E como podes viver neste caos sem fazer memória? Somente perdendo-te».

Quer dizer: nós trocamos a nossa primogenitura, que tivemos, por um prato de lentilhas...

E por que é que fazemos isso? Por um problema de juízo, porque não percebemos que as lentilhas, nem que fossem lentilhas “à la Óscar”, não bastavam. Quanto mais conscientes estamos disto menos vamos atrás de outros amores; e então percebe-se que a verdadeira caridade é o que corresponde a esta expectativa do coração, porque sem isso, mesmo com todo o sucesso do universo, eu entro em crise. A questão é essa, que se comece a reparar nisto, que se comece a pedi-lo: não é um problema de cronometragem, mas é o valor tendencial!

Para terminar, leio-vos um texto para documentar o que é este “dom de si, comovido” que é a caridade; é um texto que uma amiga nossa me fez chegar, sobre a pianista russa Maria Judina, aquela que tinha comovido até mesmo o Estaline. Conta isto: «Havia no meu próprio grupo um maçador, um rapazinho de oito, nove anos, praticamente sem família, que vivia com uns familiares a quem não amava e por quem não era amado, de nome Akinfa; era irritante, chateava toda a gente, fazia pouco das crianças judias, encarniçava-se e assim por diante. Nós todos, e sobretudo eu que era responsável por ele, o exortávamos com palavras e com o exemplo, mas uma vez o Akinfa ultrapassou todos os limites: bateu num dos colegas, foi mal-educado com os adultos, cometeu um pequeno furto e, assim, foi decretada a sua expulsão.

Quando chegou o momento de executar o castigo, o momento do destaque do eu, não sei como, desatei a chorar, e nessa altura deu-se o segundo nascimento de Akinfa: pôs-se também ele a chorar, pediu perdão a todos, restituiu o que furtara e, a partir desse momento, seguia-me sempre e em toda a parte no campo, como um cachorrinho fiel; explicava a toda a gente que na vida dele nunca tinha visto uma professora chorar por um aluno, chorar, para usar as suas palavras, “pela alma e pela vida dum malandro”; isto era propriamente o sentido do seu espanto e do desejo de retomar o caminho». Isto é o que Cristo faz: este dom de Si até à comoção pelo nosso destino. Esta é a caridade que se pode inclusivamente ver na comoção duma professora diante dum rapazinho. Impressiona-me porque esta é a comoção de Deus, do Mistério, por cada um de nós, o que quer que tenha acontecido.

Da próxima vez continuamos com *É Possível Viver Assim?* páginas 28 a 32.

Quero dizer duas palavras sobre este momento das eleições regionais italianas. Temos uma percepção da fé, tal como no-la transmitiu *don* Giussani, segundo a qual o acontecimento que nos tocou diz respeito a tudo, tem a ver com tudo, com todos os factores do real, até com a política. Por isso, as eleições são uma verificação: se nós não percebemos isto, então começa a desligar-se um pedaço do real, e pouco a pouco outros se irão desligar: amanhã será a mulher e depois de amanhã será o trabalho. Porquê? Porque a realidade é una. Por isso, ajudarmo-nos a perceber que para nós as eleições têm a ver com todo o caminho que estamos a fazer, têm a ver com a fé, têm a ver com esta modalidade de viver a nossa relação com a política, é fundamental. Há já sinais de que, quando isto não é vivido em conexão orgânica com uma experiência total, o desinteresse e a indiferença começam a vencer; vemos isto em todo o lado, em muitos outros que se estão nas tintas e já não se interessam; e como também os jornais alimentam, e não pouco, esta atitude, então vamos atrás deste pensamento alienante. Mas o nosso modo de agir não nasce do que dizem os jornais, mas sim daquela Presença por causa da qual nos interessamos por tudo, também por esta realidade que é a política. Nós, como sempre dissemos entre nós, não esperamos a resposta da política; nós esperamos a resposta da fé, daquilo que nos aconteceu; mas exigimos à política, e por isso nos interessa participar, que defenda e garanta o espaço para se fazer uma experiência de vida que seja um bem para nós e para os outros. De facto, quando nós vivemos autenticamente a fé, esta comunica-se a todos e torna-se um bem para todos. Por isso, as eleições são uma oportunidade educativa de “primeira categoria”, uma verificação da nossa educação, porque queremos que a nossa fé não fique somente na “piedade” (como uma inspiração devota), mas seja capaz de exprimir-se com a totalidade do nosso eu, a ponto de originar em nós a paixão pela “coisa pública”, pelo bem de todos.

O manifesto da Páscoa estará em distribuição nos próximos dias: o quadro de Marc Chagall *Le fils prodigue* (o filho pródigo) com um texto do Papa e um de *don* Giussani.

- *Veni Sancte Spiritus*

(Tradução não revista pelos intervenientes)